

Rodrigo Sha lança
álbum gravado
na Dinamarca



PÁGINA 3

Livro reúne 25
mulheres contra
o feminicídio



PÁGINAS 6 E 7

Irmãs de Tchekhov
em contexto
afro-diásporico



PÁGINA 8

2º CADERNO

Conselho do
Prêmio BTG Pactual
2026 escolhe por
unanimidade
homenagear o ícone
do rock brasileiro
na 33ª edição da
maior premiação da
música brasileira

ETERNAMENTE

CAZUZA

O rock brasileiro ganha destaque especial na próxima edição do Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira. Cazuzza foi escolhido como o grande homenageado da 33ª edição, prevista para 2026, em decisão unânime do conselho da premiação. A decisão foi comunicada diretamente à família do artista através de telefonema conjunto dos conselheiros para Lucinha Araújo, mãe do cantor, que demonstrou entusiasmo com a escolha.

Um dos maiores ícones da mú-

sica brasileira dos anos 1980, Cazuzza desempenhou um dos protagonistas na renovação do rock brasileiro com sua intensidade e poética singular. Sua obra, tanto nos tempos de Barão Vermelho quanto em sua carreira solo, foi visceral. O

amor exacerbado, a rebeldia, a crítica social ácida e angústias existenciais foram ferramentas desta artista "exagerado" em sua arte e na vida.

Ao assumir publicamente o contágio da Aids, causadora de sua morte precoce aos 32 anos de

idade, Cazuzza levou a doença para o debate em nossa sociedade, contribuindo para desmoronar os muros do preconceito com seu senso libertário e de resistência.

A seleção pelo conselho da premiação contou com a participação

de nomes expressivos da música nacional que compõem o grupo: Zé Mauricio Machline - idealizador do prêmio -, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Zélia Duncan - em sua primeira participação como nova integrante -, Karol Conká, Antônio Carlos Miguel e Giovanna Machline. O grupo reconheceu na obra de Cazuzza elementos que transcendem gerações e mantêm relevância no cena musical dos dias de hoje.

Continua na página seguinte

Divulgação



Machline, Gil, Ney, Zélia Duncan, Antônio Carlos Miguel e Karol Konká foram unânimes na escolha de Cazuzza

‘Que a gente bote o Cazuzza no colo’

Zé Mauricio Machline, criador e diretor da premiação, justifica a escolha destacando que “celebrar Cazuzza é celebrar a coragem, a liberdade e a potência de uma obra que segue viva e necessária”. Para ele, a música e a poesia do artista “atravessaram gerações e continuam a ecoar nas vozes e nos sentimentos de milhões de brasileiros”. Machline destaca o reconhecimento do impacto duradouro que o repertório cazuziano mantém não apenas na canção popular como na cultura nacional.

A trajetória artística do homenageado será o fio condutor do espetáculo de 2026, prometendo reunir diferentes gerações de intérpretes para novas leituras de clássicos como “Exagerado”,

“O Tempo Não Para”, “Codinome Beija-Flor” e “Brasil”. Essas canções, que integram o imaginário coletivo da música brasileira, serão reinterpretadas por artistas contemporâneos, criando pontes entre épocas e estilos musicais distintos, como sempre acontece nas edições do prêmio.

Veterano do conselho, Gilberto Gil expressa satisfação em participar do processo de seleção e valorização da música nacional. “Me sinto muito bem fazendo parte deste Conselho. A música sempre esteve no centro da minha vida, e estar ao lado de pessoas tão envolvidas e conscientes da responsabilidade que temos com a cultura brasileira é uma honra”, declara o artista baiano. Gil resalta ainda o caráter colaborativo do grupo, formado por

“amigos, colegas, nomes que já fizeram parte dessa história e outros que estão chegando agora”.

Zélia Duncan, recém-integrada ao conselho, descreve o processo de escolha como “deliciosamente democrático”, uma conversa onde cada participante contribui com sua experiência e visão musical. “Aqui é assim: é sobre música, a opinião de cada um, a experiência, o gosto, a visão e, finalmente, saber ouvir”, explica a cantora. Sobre a escolha de Cazuzza, Duncan demonstra entusiasmo: “Estou muito feliz com a escolha. Acho que é um ano importante, seu nome e obra merecem ser cada vez mais valorizados. E o Prêmio vai realizar exatamente isso, que a gente bote o Cazuzza no colo”.

O reconhecimento de Cazuzza pelo prêmio vai além de sua contribuição musical, abrangendo também seu impacto social e sua postura artística combativa e autêntica. O cantor, que marcou os anos 1980 com sua irreverência e talento, representa uma geração de artistas que utilizaram a música como forma de expressão e resistência cultural. Sua obra continua influenciando novos músicos e mantendo relevância no cenário contemporâneo.

A 33ª edição manterá o propósito tradicional da premiação de valorizar a diversidade da produção musical brasileira, promovendo encontros inéditos entre artistas e apresentando ao público um panorama abrangente da música nacional. Através da obra de Cazuzza, o evento pretende explorar as múltiplas vertentes e sonoridades que caracterizam a riqueza musical do país.

Criado em 1987, o Prêmio da Música Brasileira consolidou-se como uma das principais celebrações da música nacional, reconhecendo artistas, compositores, produtores e profissionais que contribuem para a excelência do setor. Além da premiação anual, a instituição desenvolve projetos como “Por Acaso” e “Casa PMB”, oferecendo experiências musicais únicas e aproximando artistas do público.

Divulgação



A música cosmopolita e sem fronteiras

Rodrigo Sha une-se a músicos brasileiros e dinamarqueses no álbum 'Hoje', gravado em Copenhague



Divulgação



Rodrigo Sha tem um histórico de valorização da música brasileira através do projeto O Ritmo

Por **Affonso Nunes**

O encontro entre a brasilidade carioca e a sofisticação eletrônica europeia ganha forma no Copenema, projeto musical que materializa uma ponte sonora entre

Rio de Janeiro e Copenhague. Idealizado pelo compositor, produtor musical e multi-instrumentista Rodrigo Sha, o grupo representa uma síntese musical ambiciosa na qual o violão brasileiro dialoga com as batidas contemporâneas dos produtores dinamarqueses.

A experiência internacional de Rodrigo

Sha se soma a seu trabalho de valorização da música brasileira através do projeto artístico O Ritmo, nascido da colaboração com músicos da plataforma online, uma biblioteca de sons do Brasil para o mundo. A iniciativa reúne grandes músicos brasileiros de diferentes regiões, oferecendo sonoridades, melodias,

Wander Scheffer/Divulgação



Chady iniciou sua trajetória de sucesso criando versões no YouTube

Chady mostra seu pop rock autoral

Cantor em ascensão na cena carioca apresenta repertório próprio e releituras de hits

O cantor e compositor Chady se apresenta nesta quarta-feira (25), na Áudio Rebel, em Botafogo, num pocket show em formato intimista que reúne composições autorais do artista e releituras de sucessos nacionais, in-

cluindo "Por Supuesto", de Marina Sena, "A Tua Voz", de Gloria Groove, e "Tempo Perdido", da Legião Urbana.

No palco, Chady divide os vocais com guitarra e violão, acompanhado pelos mú-

sicos Marcio Marques na guitarra, Claudio Salles na bateria e Willian Seabra no baixo. A formação reflete a sonoridade pop rock que marca o trabalho do compositor, influenciado por nomes como Lenny Kravitz, Sting,

harmonias e ritmos que representam a diversidade cultural do país e suas raízes musicais mais autênticas.

A parceria do Copenema extrapolou o virtual quando parte das composições foi desenvolvida presencialmente em estúdios de Copenhague com a direção artística de Kenneth Bager, produtor da gravadora Music For

Dreams, figura conhecida nas pistas de dança e festivais de jazz internacionais.

"Copenema é um disco solar, cheio de ótimos grooves e melodias ricas. O violão, que conduz o swing na maioria das faixas, tem um delicioso sabor carioca que se conecta com o mundo", atesta Zé Ricardo, vice-presidente artístico do Rock

in Rio e The Town Festival, que acompanha com interesse a trajetória de Sha.

"Hoje" reúne 12 faixas, sendo 11 composições autorais e uma releitura de "Love is The Air" em formato bossa-jazz. As letras, assinadas por Rodrigo Sha, abordam temas universais como amizade, amor e a passagem do tempo, enquanto a sonoridade busca transmitir alegria através de batidas envolventes e harmonias elaboradas.

A colaboração internacional se estende aos parceiros musicais, incluindo DJs e artistas como DJ Disse, Walter Default, DJ Pippi, Grasskirt, Olio, The Swan and the Lake, Reinhard Vanbergen e Gabriel Moura - uma rede cosmopolita que só a linguagem da música é capaz de unir.

Jorge Ben Jor e Erasmo Carlos.

A carreira de Chady ganhou impulso em 2022, quando passou a publicar versões pop rock de músicas brasileiras no YouTube. O ano seguinte marcou o início de sua produção autoral com os singles "Maria" e "Emocionado", além do EP "Fenomenal", que acumulou mais de 600 mil reproduções no Spotify. Seu trabalho mais recente é o single "Recomeçar", lançado em 2024 com videoclipe co-dirigido com Jomboh, que explora temas de desconstrução e renascimento através de uma narrativa visual que culmina na transformação completa do visual do artista que investe no audiovisual como elemento central na construção de sua narrativa musical. (A.N.)

SERVIÇO

CHADY

Áudio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo)

25/5, às 20h30

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

ENTREVISTA / JACOPO QUADRI, MONTADOR

Divulgação



'A montagem é um mundo isolado'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Um currículo capaz de somar experiências com Sophia Loren ("Rosa & Momo"), Apichatpong Weerasethukul ("Mal dos Trópicos") e Bernardo Bertolucci (o inesquecível "Os Sonhadores") é mais do que razão para qualquer cinéfilo dar um pulo na Universidade Federal Fluminense (UFF), no dia 30 de junho, às 14h, para aplaudir o montador milanês Jacopo Quadri. No mesmo dia, às 18h, o responsável pela edição de cults como "Io e Te" (2012) participa de uma sessão especial do filme "Berlinguer - La Grande Ambizione", de Andrea Segre, no Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro.

Esses eventos se articulam com a programação da 8 ½ Festa do Cinema Italiano, que vai desta quinta até 2 de julho, em solo carioca, dividindo-se entre o Estação NET Rio e o Estação NET Gávea. A abertura, este ano, fica a cargo de "Gloria!", de Margherita Vicario. Esse festival se espalha ainda por São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Recife, Fortaleza, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Caxias do Sul, Macaíó, Aracaju, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Araraquara, São Carlos e Campinas. Editor de "Fuori", de Mario Martone, que concorreu à Palma de Ouro de Cannes, em maio, Jacopo trabalhou em "Bicho de Sete Cabeças" (2000), da diretora paulista Laís Bodanzky, num intercâmbio da Itália com o audiovisual bra-

sileiro. Na entrevista a seguir, via Zoom, de Roma ele relembra essa e outras parcerias.

Existe uma linha criativa pessoal que orienta sua forma de montar filmes?

Jacopo Quadri: Não existe linha, pois o trabalho muda de filme a filme, de cineasta a cineasta, mas existe um conceito, que se baseia na escuta. A experiência foi me tornando mais pacato a cada juízo que preciso fazer das imagens que me apresentam. Começo a montagem quando os filmes estão ainda em fase de rotação e apresento uma primeira versão, um corte inicial, que é bem fiel ao que sai dos sets. A partir dele, vamos descobrindo o filme.

A MUBI acaba de disponibilizar em sua grade "Bicho de Sete

Cabeças", que fez de Rodrigo Santoro um ator respeitado pelo cinema brasileiro no fim de 2000. O senhor montou o longa de Laís Bodanzky com Letizia Caudullo. Como foi essa experiência com o Brasil?

Ali pelo fim dos anos 1990 e início de 2000, (o curador) Marco Müller, ligado à produtora Fabrica, buscava novos talentos de outras culturas nos quais investir. Laís (Bodanzky) e Luiz Bolognesi (roteirista de "Bicho...") estavam em Roma e nos aproximamos. Foi muito afortunado esse nosso encontro, pelo talento deles. O meu maior desafio era entender o que eles me traziam sem impor a marca italiana que carrego à história que se buscava contar ali. Com Apichatpong Weerasethukul, da Tailândia, em "Mal dos Trópicos", o processo foi parecido.

O senhor tem no currículo um filme ganhador de Leão de Ouro, que é "Sacro GRA" (2013), e um vencedor de Urso de Ouro: "Fogo no Mar", de 2016. Ambos são documentários e os dois têm Gianfranco Rosi, cineasta da Eritreia, como realizador. Vocês fizeram ainda "Notturmo", de 2020, hoje também na MUBI, que observa o Oriente Médio. O que a não ficção de Rosi te traz de mais forte?

Ele é um cineasta muito particular sobretudo por trabalhar num tempo longo. Assim, um esboço que eu faço num primeiro momento pode ser descartado rapidamente, pois novos materiais aparecem. Com ele, eu trafego por uma estrada que muda, mas mantém a sua essência.

O quão solitário é o ofício da montagem e como ele muda com a tecnologia digital que as ilhas de edição têm hoje?

A edição de um filme não é um trabalho coletivo, embora eu tenha assistentes a me ajudar, sempre. Um set precisa de um chefe para orquestrar muita gente que está ali, mas é democrático. A montagem é um mundo isolado em que a pessoa responsável por editar vai se confrontar com realidades distintas, criadas por cineastas e suas equipes, e propor uma média das imagens que vê. Estar sozinho facilita a concentração. Já a tecnologia traz entre as suas vantagens a rapidez. A velocidade de acesso ao material filmado é maior. É mais rápido.

Como o senhor avalia o cinema que a Itália faz hoje?

Diria que com medo. Com medo de que o governo siga a privilegiar a produção mais rica. É sempre uma dificuldade fazer um filme livre e de autor.

Qual foi o filme que te fez amar o cinema italiano?

"O Conformista", de Bertolucci, inspirou-me em muita coisa, mas diria também "Rocco e Seus Irmãos", de Luchino Visconti.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Banido da História por uma luta (urgente e corrente) antissexista, o “Cala a boca, Magda!”, há tempos amalgamado ao sucesso de Marisa Orth na TV, cede a vez a um lugar de fala, de escuta e de ação na CineOP. A Mostra de Cinema de Ouro Preto inaugura sua 20ª edição nesta quarta-feira (25) promovendo uma homenagem à atriz paulista que é signo de gargalhada, num convite a uma revisão de seu legado. O evento vai até o dia 30 nas Gerais, com programação gratuita, parte presencial e parte online, além de tributos à educadora Maria Angélica Santos e ao professor João Luiz Vieira.

Na quinta, ali pelas 11h30, Marisa e Anna Muylaret, que a dirigiu em “Durval Discos” (2002), juntam-se para fazer o colóquio “O Riso das Medusas”, num papo antenado com a temática O Humor das Mulheres no Cinema Brasileiro. No próprio dia 26/6, às 19h30, a Praça Tiradentes exhibe curtas imperdíveis da programação do festival como “A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal”, de Carla Camurati; “A Origem dos Bebês Segundo Kiki Cavalcanti”, da já citada Muylaert; e “A Má Criada”, de Sung Sfaí. Dois cults da estrela homenageada deste ano passam por Minas: “Doces Poderes” (1997), de Lúcia Murat, e “Não Quero Falar Sobre Isso Agora” (1991), de Mauro Farias, que lhe rendeu o troféu Kikito, em Gramado, 34 anos atrás. Ao mesmo tempo, no streaming (no Globoplay e na Prime Video da Amazon), a figura de maior popularidade do rol de tipos criados por Marisa, Magda, ganha ribalta com a entrada de “Sai de Baixo: O Filme” (2019) em plataformas digitais. A direção é de Cris D’Amato.

Cheio de viço em duas frentes técnicas, a direção de arte (de Mário Monteiro) e os figurinos (de Sônia Soares), “Sai de Baixo: O filme” combina despreensão e competência artesanal num experimento de “cinevisão”. As aspas



Empoderada, Magda não aceita mais o Cala a Boca de Cacá Antibes, nem o de homem algum, numa atuação de peso de Marisa Orth, hoje homenageada na CineOP

Rir é viver... e resistir

Homenagem da Mostra de Ouro Preto à atriz Marisa Orth, em programação dedicada ao olhar feminino na comédia, resgata pérolas como o filme ‘Sai de Baixo’, de Cris D’Amato

se referem a longas-metragens decalcados de êxitos da televisão, no caso, o humorístico que virou febre na década de 1990. Essa revisão da fórmula testada pela Globo no passado tem um potencial de graça de assaltar o fôlego de quem se entregar, sem culpa, à diversão. Há algo mais na transposição do programa dominical que, de 1996 a 2002, recauchutou a fórmula de comédias sobre famílias encenadas em palcos, em uma estrutura de show de riso. Esse algo mais vem de uma marca (com traços autorais) de uma campeã de bilheteria, a já citada Cris D’Amato. Respeitada por exibidores pela franquia “SOS – Mulheres

ao Mar” (2014-15), ela ainda não é reconhecida pela crítica (e pela própria indústria) com o respeito merecido pelas vastas proficiências estéticas que tem na construção de uma poética particular. Estamos diante de uma diretora que construiu uma obra sintonizada com o pleito do empoderamento feminino, sempre com heroínas que fogem das amarras do sexismo. Não por acaso, a CineOP festeja sua filmografia ao projetar seu “Linda de Morrer” (2015), com Glória Pires, no sábado, às 18h30. Aliás, ela volta ao circuito até dezembro com “Silvio Santos Vem Ai”, tendo Leandro Hassum à frente do Carnê do Baú.

A pejeja antimachista de Cris se faz notar na transformação que ela promove na figura de Magda, vivida por uma Marisa Orth no ápice do carisma, que não aceita mais o “Cala a boca!” de seu marido, Caco Antibes. Esse personagem foi objeto de adoração no Plim-Plim graças à inteligência cênica de Falabella. Este se reafirma no filme de Cris, quebrando o coco sem arrebentar a sapucaia, fazendo uma combinação de David Niven com Zé Trindade.

É de Falabella (autor do roteiro, com a colaboração do olhar humanista de Sylvio Gonçalves) que vem o segundo toque de personalidade de “Sai de Baixo: O Filme”: o es-

pírito de chanchada. É uma chanchada com um padrão anos 1950, à la Lulu de Barros (“O Negócio Foi Assim”) e Victor Lima (“Massagista de Madame”), com que os quiprocós da trama se sucedem. É uma linha narrativa que cresce em harmonia com a energia de levante feminino que Cris injeta em seus planos, também na pele da laqueada matriarca do Arouche, Cassandra (Aracy Balabanian, motor das tiradas autorreferenciais do longa).

Produzido por Daniel Filho, o enredo é Oscarito na veia: saído da prisão, Caco aceita levar uma mala de joias em uma excursão da agência Vavatur até Foz do Iguaçu. Magda vai junto, o que gera uma confusão entre as valises. Enquanto isso, o criminoso Banqueta (Lúcio Mauro Filho, com ares de José Lewgoy em sua vilania marota) tem conta a acertar com Caco nessa viagem, assim como sua irmã gêmea, Angelita. Na tela, a jornada é um mero gancho pruma sucessão de gags, incluindo uma tiração de sarro com “Game of Thrones”.

Como toda boa chanchada, o longa traz uma tônica de crônica de costumes, focada na falência da classe média, no apego a uma tradição que depende de dinheiro para ficar de pé. Entre um oceano de piadas, bem editadas, na montagem de Tainá Diniz e Eduardo Hartung, temos um estudo sociológico sobre a inversão da pirâmide econômica brasileira, com a emergência dos grupos antes tratados como invisíveis e que, agora, com o consumo, ganham subjetividade no discurso da representação da arte. É o caso de Ribamar (papel antológico de Tom Cavalcante), porteiro que, ao ganhar um apartamento próprio, passa a hospedar seus patrões do passado.

Serelepe em suas provocações ao politicamente correto, “Sai de Baixo” passa indolor pelas retinas, mas bate, com discrição, em mazelas morais do país. Ele ainda depura a química entre seus intérpretes, com uma apoteose para Falabella, que em suas polivalentes atividades, por vezes, concentra no teatro um talento como ator que oxigena o cinema nacional, hoje afogado no naturalismo.

Mariana Vianna/Divulgação

Fotos Gustavo Malheiros

Divulgação



Camila Pitanga



Alcione

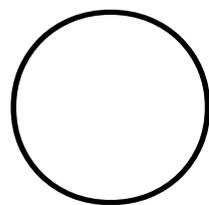


Thais Araújo é a capa do livro

Livro fotográfico de Gustavo Malheiros reúne 25 personalidades contra o feminicídio

Um manifesto da resistênciã

Por Affonso Nunes



fotógrafo Gustavo Malheiros transformou uma inquietação pessoal em projeto editorial de impacto social. O projeto “Mulher Viva” nasceu do que ele próprio define como “impulso urgente” de amplificar vozes e rostos de mulheres que estão na linha de frente da luta contra o feminicídio. O resultado

é um livro que funciona como manifesto visual, reunindo 25 personalidades de diferentes áreas em torno de uma pergunta central: “O que é ser mulher hoje?”. Estão presentes desde ícones da música popular brasileira como Alcione e Martinália até atrizes consagradas como Dira Paes, Marieta Severo e Regina Casé. O elenco inclui ainda figuras como a deputada federal Erika Hilton, a comentarista Gabriela Prioli, a diretora da Redes da Maré Eliana Sousa Silva e a própria cearense Maria da Penha, cuja trajetória pessoal resultou na lei que leva seu nome, sancionada em 2006. A diversidade se estende a nomes como Bruna Linzmeyer, Camila Pitan-



Marieta Severo



Mart'nália



Dira Paes

feminina

ga, Carol Solberg, Clara Buarque, Taís Araújo, Marisa Orth, Ana Kariri, Deise Monteiro de Carvalho, Jurema Werneck, Marcela Cantuária e Kananda Eller.

Como homem abordando um tema tão sensível, Malheiros reconhece a responsabilidade assumida. “No começo do projeto eu me questionei sobre isso, mas acho que é muito importante para todo homem se envolver com a questão do feminicídio no Brasil e no mundo”, reflete o fotógrafo. “Nunca vamos saber de fato o que as mulheres sentem e a violência que sofrem, mas podemos ter



Marisa Orth



Bruna Linzmeyer



Regina Casé

compaixão; nesse caso, a informação é essencial para isso. Encarei o livro como um aprendizado, hoje sei muito mais sobre o tema.”

A curadoria ficou a cargo da escritora Heloísa Teixeira, que faleceu em março, e de Gringo Cardia, que também assina a direção de arte. Teixeira, reconhecida defensora das causas femininas e feministas ao longo de sua trajetória literária, foi retratada por Malheiros antes de sua morte, integrando assim o conjunto de personalidades do livro. “A proposta é reverberar como um manifesto”, explica o fotógrafo sobre a concepção da obra.

As entrevistas que acompanham os retratos foram conduzidas pela jornalista Maria Fortuna, seguindo um roteiro que parte sempre da mesma indagação fundamental sobre a condição feminina contemporânea. Essa abordagem permite que cada uma das participantes ofereça sua perspectiva particular sobre os desafios, conquistas e resistências que marcam a experiência de ser mulher no Brasil atual.

Para Malheiros, a escolha da linguagem fotográfica não é casual. “A fotografia tem o poder de transformação. Sebastião Salgado, que nos deixou recentemente, é a prova disso: seu trabalho é um legado para a humanidade”, observa. “Sempre acreditei na fotografia com um propósito e espero poder contribuir, usando a fotografia, explorando temas que possam promover a mudança através da conscientização.”

A escolha das personalidades reflete diferentes gerações e campos de atuação, criando um panorama abrangente da presença feminina na cultura, política, esporte e ativismo brasileiro.

O trabalho fotográfico de Malheiros busca capturar não apenas a imagem, mas a essência de cada uma dessas mulheres em sua singularidade. Combinado com os depoimentos colhidos por Maria Fortuna, o resultado promete oferecer um retrato multifacetado da condição feminina brasileira contemporânea, abordando desde questões estruturais até experiências pessoais de superação e resistência.

Tchékhov recriado em contexto afro-diaspórico

Espectáculo 'Irmãs' conecta ancestralidade negra ao clássico do autor russo

Quatro atrizes de diferentes nacionalidades e vivências culturais se encontram no palco da Arena do Sesc Copacabana, no próximo dia 26 de junho, para uma releitura singular de "As Três Irmãs", de Anton Tchekhov. Em "Irmãs", dirigido por Renato Carrera, as brasileiras Dani Ornellas, da Baixada Fluminense, e Jamile Cazumbá, de Salvador, se juntam à portuguesa Isabél Zuaa e à francesa Alli Willow para criar um metadrama que entrelaça as questões universais do texto tchekhoviano com reflexões contemporâneas sobre identidade, ancestralidade e resistência feminina negra.

A montagem surge como um experimento cênico ousado que transcende a simples adaptação do clássico russo. Carrera e sua dramaturga parceira, Dani Ornellas, construíram uma narrativa em três atos que funciona simultaneamente como ensaio e espetáculo, onde as fronteiras entre atriz e personagem se dissolvem propositalmente. "Essas três irmãs são vozes que ecoam do útero mítico dessa família, mas com questionamentos humanos femininos pertinentes a qualquer época e com a profundidade das nossas memórias e vivências", explica Ornellas, que interpreta Olga na trama.

A escolha do elenco privilegia artistas comprometidas com narrativas de resistência e valorização da cultura afro-diaspórica. Isabél Zuaa, que recentemente integrou a seleção oficial do Festival de Cannes com "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, traz sua experiência internacional ao



Dalton Vale?rio/Divulgação

*Isabél Zuaa,
Dani Ornellas,
Jamilé
Cazumbá e
Alli Willow
estão no
elenco de
'Irmãs'*

projeto. A atriz portuguesa também participou de debates sobre diversidade nas narrativas audiovisuais globais a convite da

World Woman Foundation, consolidando seu perfil como artista engajada em questões identitárias.

O diretor destaca a dimensão afetiva que permeia a criação: "A encenação traz as vivências dessas quatro mulheres, amigas íntimas de longa data e que mesmo distantes, cada uma em sua cidade, estão sempre juntas, realizando uma sororidade muito forte com depoimentos pessoais que dialogam muito bem com o texto do Tchekhov". Essa intimidade real entre as intérpretes alimenta a autenticidade dos conflitos cênicos, onde questões como colorismo, feminismo, regionalidades, amor e solidão ganham contornos particulares através de suas experiências pessoais.

A proposta estética da montagem vai além da simples transposição cultural do texto tchekhoviano. Como metadrama psicológico, a peça explora as percepções do fluxo temporal e as possibilidades históricas de transição, unindo ancestralidades e atualidades em um tempo único. "A validade do discurso e a identidade de cada atriz-personagem é sempre colocada em questão", observa a produção, criando um jogo cênico que desestabiliza tanto as convenções do drama quanto a ideia de um presente estável.

O produtor Gabriel Bortolini contextualiza o projeto dentro de uma perspectiva mais ampla de transformação das narrativas teatrais: "A gente precisa revisitar as histórias que nos contaram para poder escrever outras, novas. Narrativas que mostrem o que foi apagado, o que nos foi negado. Realidades que sempre existiram, mas o mundo escolheu não ver. Irmãs nasce desse desejo". Para ele, a mudança passa necessariamente pela ocupação de todos os espaços criativos: "não basta ter pretos só no palco – é preciso ter pretos também na dramaturgia, na trilha, na produção".

A montagem representa o terceiro trabalho da Brunzuncompany, companhia que já apresentou "Fides = Fé em Latim" e "Bruzundangas", ambos em 2024. A equipe criativa reúne profissionais negros em posições-chave: além da dramaturgia compartilhada entre Ornellas e Carrera, conta com iluminação de Daniela Sanchez, figurinos de Biza Vianna e Dani Ornellas, visagismo de Joana Seibel, direção de movimento de Johayne Hildefonso e direção de produção de Gabriel Bortolini.

SERVIÇO

IRMÃS

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

De 26/6 a 20/7, de quinta a sábado (20h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)